

# “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”: REPRESENTAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS NA LITERATURA JUVENIL ANGOLANA

## “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”: HISTORICAL-SOCIAL REPRESENTATIONS IN ANGOLAN YOUTH LITERATURE

Glaucia Ribeiro Lima<sup>1</sup>  
Rosemeri Hemsing Weber<sup>2</sup>  
Francielle da Cruz Vieira Sato<sup>3</sup>

### RESUMO

A proposta deste artigo consiste em refletir sobre a representação de questões históricas e sociais na produção literária angolana, destinadas aos jovens leitores, a partir do conto “Nós choramos pelo cão tnhoso”, de Ondjaki. Em contexto de guerra civil e transformações sociais, o autor, a partir de memórias da infância, constrói a narrativa sob a ótica infantil. Para a concretização deste estudo, sob a luz da crítica histórico-sociológica, foram selecionados estudos de Antonio Candido (2000) e Fernando de Azevedo (1953) e, para abordar as questões pertinentes ao conto, Nádía Battela Gotlib (1990) e Nelly Novaes Coelho (2000).

**Palavras-chave:** Literatura juvenil angolana; Ondjaki; história; sociedade.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on the representation of historical and social issues in Angolan literary production aimed at young readers, based on Ondjaki's short story “We cry for the dog”. In the context of civil war and social transformations, the author, from childhood memories, constructs the narrative from a child perspective. To carry out this study, in the light of historical-sociological criticism, studies by Antonio Candido (2000) and Fernando de Azevedo (1953) were selected and, to address the issues pertinent to the short story, Nádía Battela Gotlib (1990) and Nelly Novaes Coelho (2000).

**Keywords:** Angolan youth literature; Ondjaki; history; society.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras – Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Letras. Membro do GECOLIT - Grupo de Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas. E-mail: [lima.glaucia@unemat.br](mailto:lima.glaucia@unemat.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: [rosemeri.weber@unemat.br](mailto:rosemeri.weber@unemat.br)

<sup>3</sup> Mestranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: [francielle.vieira@unemat.br](mailto:francielle.vieira@unemat.br)

Por volta do ano de 1482, os portugueses estavam a caminho da Índia a fim de buscar especiarias, assim atracaram em Rio Zaire. Como nos demais países, dos quais colonizaram, começaram então as trocas comerciais entre os povos que ali residiam. Logo após os primeiros contatos, construíram em território angolano, palácios para o Rei Nzinga e uma igreja católica para os padres Franciscanos (BRITO NETO, 2005, p. 13). O que parecia ser uma troca de presentes e culturas entre o rei de Portugal e o rei do Congo transformou-se em um comércio que compreendia navios portugueses que saíam da África carregados de escravizados, marfim e tecidos feitos por artesãos.

Essas trocas de presentes e o comércio que se formaram em território africano causaram muitas transformações no reino do Congo. De acordo com os escritos de Manoel Brito Neto (2005, p. 13), elas eram perceptíveis

[...] inclusive no comportamento dos chefes africanos mais esclarecidos, como fruto de tal cooperação, os produtos manufaturados na Europa aumentaram o leque e a diversidade dos produzidos localmente. [...] os colonialistas realizavam atividades comerciais relativas a armas e a bebidas alcoólicas provenientes de Lisboa, que não interessavam em certa medida aos povos indígenas de Angola, pois eles já praticavam esse tipo de atividade. O que mais lhes interessou, por tocar diretamente as suas vidas, foi o incremento das guerras internas, que se seguiram como resultado da presença desses portugueses e com as suas atividades ligadas ao tráfico de armas.

Em relação aos portugueses, estes trocavam suas mercadorias até mesmo pelos habitantes escravizados por Portugal, concretizando então a colonização. Brito Neto (2005, p. 14), afirma que os portugueses se valeram ainda da religião católica para converter o Rei Nzinga e este passou ser chamado de D. João I, “pois ele queria, [...], conter as rebeliões populares em seu reino, provocadas por sua cooperação com os portugueses na venda de escravos”.

Devido às atitudes do Rei Nzinga, outros reinos foram se enfraquecendo, ocasionando cada vez mais a diminuição de seus territórios para os colonizadores. Diante do exposto, observa-se que os povos que compreendia o reino de Nzinga, não foram poupados, nem mesmo os animais, desse modo, valendo-se de uma imposta superioridade e

[...] usando a máxima “dividir para melhor reinar”, incrementou-se a guerra de captura de escravos, juntamente com o abate de elefantes para a obtenção de marfim, e, com isso, começou a mais tenebrosa escalada de brutalidade opressora dos portugueses contra os angolanos (BRITO NETO, 2005, p. 14).

A história da colonização de Angola demonstra que desde o século XV, a coroa portuguesa dominou o antigo Reino do Congo e o principal objetivo era escravizar os habitantes, levá-los para as Américas e usufruir das riquezas que ali existiam. Durante a Conferência de Berlin, em 1884, Portugal oficializou a neocolonização dentro do processo imperialista para alcançar um domínio maior do território angolano.

Por volta de 1930, muitos países, ainda colônias de Portugal, iniciaram movimentos de libertação nacional, mas somente em 1950 é que tais grupos se tornaram mais consistentes. Contudo, os acontecimentos se desdobravam gradualmente, pois os angolanos tinham um inimigo comum, Portugal. Nesse contexto, surgiram grupos fundados por aspirações ideológicas socialistas, como o Movimento Popular Pela Libertação da Angola (MPLA), cujo referencial é marxista e contava com o apoio de países como Cuba e União Soviética (URSS), pelos ideais semelhantes.

A independência da Angola só ocorreu em 1975, porém, não trouxe consigo o fim da violência no país. Durante os anos seguintes, de 1975 a 2002, Angola foi consumida por uma guerra civil. De um lado, o MPLA, cujas aspirações socialistas não eram apoiadas por grande parte da população angolana. Do outro, a Frente Nacional de Libertação da Angola (FNLA) e a União Nacional pela Independência Total de Angola (UNITA) contavam com o apoio da África do sul e seus ideais anticomunistas.

A guerra foi uma das mais longas da história da África, e com a dissolução do governo em menos de um ano após deixar de ser colônia portuguesa, o MPLA assumiu o controle da maior parte do país. Assim, indiretamente, outros países decidiram financiar a UNITA para que esta pudesse ter armas, munições, relatórios de inteligência e até mercenários.

De acordo com uma reportagem realizada pela *National Geographic* em 2019, entre os anos de 1991 e 1994, Angola vislumbrava um cessar fogo por meio de acordos que solicitavam a retirada imediata das tropas cubanas e sul-africanas. Contudo, depois de José dos Santos, candidato pelo MPLA, vencer as primeiras eleições multipartidárias contra Jonas Savimbi e este ao contestar o resultado, a UNITA retoma novamente a guerra contra o MPLA. As batalhas duraram até o ano de 2002, após a morte de Jonas Savimbi, de milhares de civis e soldados. Diante dessas mudanças, observa-se uma sociedade jovem que ainda se refaz, após anos de violências que marcaram a sociedade da Angola.

A República da Angola nasceu em 1975, dois anos mais tarde, juntamente com sua nação, nascia em Luanda, Ndalú de Almeida, popularmente conhecido como Ondjaki, atribui a sua carreira os papéis de escritor, poeta, sociólogo, roteirista, artista plástico e membro da União dos Escritores Angolanos – UEA.

Ondjaki, enquanto escritor, publicou mais de vinte obras, sendo elas romances, poesias e contos. Dentre suas obras, destacam-se *Bom dia camaradas*, romance publicado em 2001, nela, há um garoto que narra a história, e isso demonstra como a infância do autor fez aflorar uma predileção por narrativas construídas por meio do olhar infantil. Em 2008, o autor publica *Avó dezanove e o segredo do soviético*, e esta obra é vencedora do Prêmio Jabuti na categoria juvenil. Algumas de suas obras foram traduzidas para o francês, espanhol, italiano, alemão, inglês e chinês, além disso, é perceptível que o autor consegue transitar entre a escrita de romances, poesias, contos e até roteirizar documentários.

Ademais, observa-se ainda que a infância do autor recebe as influências de países como a União Soviética e Cuba, bem como dos professores, os quais marcaram muito a vida do autor. Em relação a esses educadores, Ondjaki, em uma entrevista cedida para as pesquisadoras Renally Arruda Martins de Lima e Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega (2020, p. 297), afirma ter um contato de afeição com eles, ao se referir às contribuições na reconstrução da identidade do país, reitera que:

Não sei se era no sentido da reconstruir a identidade angolana, mas era certamente a passagem de uma ideia de reforço da independência dos angolanos, bem como as referências ao ‘bem colectivo’, ao homem social como um todo. Creio que isso nos marcou muito, aos da minha escola, aos da minha rua, aos da minha geração.

Seja no romance ou no conto, o autor, por meio de suas narrativas, confirma a presença de personagens que se assemelham àqueles que fizeram parte de sua vida. Quase sempre, ele valoriza a representação dos professores, dos familiares, dos amigos que participaram da infância e a forte ligação entre eles. Além dessas características, mesmo que apareçam implícitas nos textos literários de Ondjaki, corrobora a história de seu país e as transformações que a nação recebeu no decorrer dos anos, seja com a presença de imigrantes ou até mesmo das armas que faziam parte da proteção de muitos civis.

Acerca das representações da história de seu país ou dos personagens presente nos romances ou contos, Ondjaki pontua que

A literatura não é um espelho de um país ou de uma cultura. Creio que pode incorporar elementos, mas não necessariamente representa um país. Ou a pessoa ‘do’ autor. Envolvi-me cedo com as artes, teatro, pintura e literatura, por algum tipo de chamamento que não creio que tenha uma explicação. Acabou por ser uma suave urgência, e depois as circunstâncias permitiram que algo dentro de mim encontrasse a escrita. Tal como um dia algo dentro de mim se afastará da escrita. Restará o sonho. Não escrito nem falado, mas por dentro. E depois a morte (LIMA; NÓBREGA, 2020, p. 295).

Quando se refere às características que podem ser consideradas patrióticas, o autor sustenta que nunca houve um plano de escrever sobre seu país, ou definir seus livros como nacionalistas, mas algo considerável ao ler *Os da minha rua*, é que os contos trazem nas entrelinhas a história de um país e semelhanças com a vida daqueles que nasceram junto com a nação.

*Os da minha rua* foi publicado pela primeira vez em 2007, e possui vinte e dois contos narrados a partir de uma perspectiva infantil. Cada um deles demonstra como o olhar da criança é inocente em relação ao mundo a sua volta. Entretanto, estas características demonstram, mesmo que implicitamente, referências históricas e sociais da sociedade que passou pelos processos de colonização e depois, pela emancipação e anos de guerra civil.

Há ainda alguns aspectos políticos presentes na obra *Os da minha rua*, bem como em outras obras de Ondjaki. Todavia, o autor reitera que essa é uma mensagem a ser desvendada pelos leitores:

A minha parte foi escrever. Para mim esse livro é essencialmente uma obra de afectos e memórias feitas literatura. Creio que há um lado político nessa obra que advém da própria realidade, portanto das memórias e, portanto, do que se configurou como “esse livro”. Mas as análises deixo para os demais (LIMA; NÓBREGA, 2020, p. 300).

Outra característica da obra *Os da minha rua* é a homenagem àqueles que estiveram presentes na infância de Ondjaki. Antecedendo as narrativas em prosa, presentes nessa obra, e até mesmo o sumário, há uma dedicatória para “os da minha casa”, ou seja, àqueles que fizeram parte da vida do autor, desde os amigos da infância até seus familiares. A obra demonstra que, por meio do olhar distraído e emotivo do narrador infantil, há ainda o tom crítico e político nas memórias dos personagens.

As narrativas que compõem a obra *Os da minha rua*, são breves, curtas como aquelas que “nos primórdios, eram transmitidas oralmente, e que evolui ao ser

registradas por escrito. O ato de contar não se resume a apenas relatar acontecimentos, e por vezes é recontado outra vez por alguém observador de alguma notícia que tenha acontecido” (GOTLIB, 1990, p. 8). Isso pode ser observado na obra de Ondjaki, visto que ao ler os contos, verifica-se que há uma certa intimidade entre autor e narrador, e este artifício faz com que o leitor reflita sobre a própria infância.

Entretanto, nota-se que as narrativas não são apenas relatos do que aconteceu, e elas não têm compromisso com a realidade, entre ambos, não há um limite preciso (GOTLIB, 1990, p. 8). Nesse sentido, observa-se ainda que “Cada época, na literatura, como nas demais artes, apresenta, [...], uma paisagem de aspectos [...], que coexistem [...]” (AZEVEDO, 1952, p. 45), e cada obra literária pode ou não, representar acontecimentos reais da vida de seus autores.

Em relação a esse aspecto, sobre aquilo que é verídico ou licença poética, Jacques Le Goff (1990, p. 19) corrobora a ideia de que a “[...] história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula”, tal afirmação leva o leitor a crer que as obras de Ondjaki podem ser relatos autobiográficos de sua vida, entretanto, tratam-se de obras literárias, com narradores, sem compromisso algum com a realidade.

Apesar dos textos literários em geral não se comprometerem com a vida real, no entanto, fazem refletir uma determinada sociedade, mesmo que por meio da representação. A literatura não se forma por intermédio dos devaneios de um escritor, e geralmente, ela nasce em um contexto, “numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto ela carrega em si as marcas desse contexto” (SILVA, 2009, p. 177).

“Nós choramos pelo cão tihoso” é um conto narrado em primeira pessoa, este, por sua vez, é confessional e intimista, demonstrando ao leitor “[...] as próprias experiências pessoais ou a de outros por ele testemunhados” (COELHO, 2000, p. 78). A narrativa, desde o seu início, é marcada por memórias do personagem principal. O trecho abaixo corrobora com a afirmação de Coelho (2000), que demonstra a intimidade do narrador com a estória que se inicia a partir da primeira frase da narrativa, “Foi no tempo da oitava classe, na aula de português” (ONDJAKI, 2015, p. 131).

No decorrer da leitura, Jacó, personagem principal, demonstra seus sentimentos em relação ao texto literário que havia lido anos antes na sexta classe. Intitulado como *Nós matamos o cão tihoso*, esta narrativa mencionada no decorrer do conto de Ondjaki

é de Luís Bernardo Honwana, e foi publicada em 1964, onze anos antes da libertação da Angola. A obra mencionada faz uma menção implícita aos desejos do povo angolano em querer se livrar das mãos do país que o colonizou. A obra de Honwana faz uma revelação daquilo que aconteceria em onze anos, o desejo concretizado de se libertarem de Portugal.

É por meio da releitura da narrativa de Honwana (1964), que o personagem principal descreve seus sentimentos e os de seus colegas de classe ao relembrar o que cada personagem vivencia no decorrer da narrativa lida em sala de aula. Nenhum acontecimento não é esquecido por Jacó, nem os mais brandos, e, mesmo relutantes, os alunos fazem a leitura sugerida pela professora de português.

Eu já tinha lido esse texto dois anos antes, mas daquela vez a estória me parecia mais bem contada com detalhes que atrapalhavam uma pessoa só de ler ainda em leitura silenciosa — como a camarada professora de português tinha mandado (ONDJAKI, 2007, p. 79).

Esse excerto demonstra o quão marcante foi reviver o momento da aula com a leitura do texto que lhe causou sentimentos tristes e difíceis de descrever. Jacó, íntimo do texto lido em sala e dos sentimentos de seus colegas, ao refazer a leitura da narrativa “Nós matamos o cão tihoso”, deixa explícito que não é fácil relembrar os fatos dos quais nunca esqueceu, nem aqueles que lhe causavam mal-estar.

Este momento, em que Jacó se sensibiliza com o texto literário de Honwana, demonstra uma das funções da literatura citada por Antonio Candido (1989), que trabalha a humanização por meio do texto literário, atuando no subconsciente e no inconsciente do leitor. Assim, o personagem Jacó, ao refazer a leitura do texto, comprova a alteridade, relendo e lembrando a dolorosa morte do Cão Tihoso.

Vale ressaltar que, Tihoso, para os angolanos, não remete àquele ser que é terrível, rebelde ou até mesmo destemido, mas à representação daquilo que é doente, velho, horrível de se olhar, assim como a figura do cão que desperta sentimentos de pena dos personagens representados na narrativa de Honwana, e por sua vez, nos alunos da oitava classe representada no conto de Ondjaki.

No decorrer do conto, “Nós choramos pelo cão tihoso”, observa-se que a alteridade não é uma característica somente do personagem principal, Jacó, mas também de seus colegas, que se comovem lendo no texto o destino do Cão Tihoso. “O cão se chamava Cão Tihoso e tinha feridas penduradas, eu sei que já falei isto, mas eu gosto

muito do Cão Tinhoso. [...] eu sabia que aquele texto era duro de ler” (ONDJAKI, 2015, p. 132).

Tais fatos remetem ao passado, cheio de marcas e feridas, e por representar um passado triste e difícil, o Cão Tinhoso precisou ser executado por aqueles meninos, libertando-se da figura horrenda do cachorro, entretanto, tirar uma vida não era tarefa fácil de se fazer. O narrador evidencia que esses acontecimentos, presentes na obra *Nós matamos o cão tinhoso*, marcaram a vida desses jovens leitores, demonstrando o quão devastador é ter seu país colonizado por outros ou vivenciar a morte de um ser, em tese, a do Cão Tinhoso.

Os detalhes inocentes narrados pelo olhar da criança apresentam aspectos singelos que quase passam despercebidos. Durante a releitura de *Nós matamos o cão tinhoso*, que se passa anos antes da guerra civil, observa-se o desejo de uma nação de se libertar. Tais aspectos se tornam mais claros quando o narrador vai evidenciando suas percepções no decorrer da leitura do conto.

No início o texto ainda está naquela parte que na prova perguntam qual é e uma pessoa diz que é só introdução. [...] Mas depois o texto ficava duro: tinham dado ordem num grupo de miúdos para bondar o Cão Tinhoso. [...] eu sabia que aquele texto era duro de ler. Mas nunca pensei que umas lágrimas pudessem ficar tão pesadas dentro duma pessoa (ONDJAKI, 2015, p. 132).

Durante a leitura, Jacó compara seu grupo de colegas de classe com aquele grupo do conto, ou seja, aqueles que matam o Cão Tinhoso. De acordo com o personagem, há semelhança entre eles, uma vez que assim como os personagens criados por Honwana temem matar o Cão Tinhoso, os alunos da oitava classe temem reler este desfecho dramático, pois mais uma vez, teriam seus sentimentos expostos naquele momento.

[...] pensei na minha cabeça cheia de pensamentos tristes: se essa professora nos manda ler esse texto outra vez, a Isaura vai chorar bué, o Cão Tinhoso vai sofrer mais outra vez e vão rebolar no chão de rir do Ginho, que tem medo de disparar por causa dos olhos do Cão Tinhoso (ONDJAKI, 2015, p. 133).

Ao revisitar a história, percebe-se que Angola vivenciou muitas e dolorosas perdas, já que por anos foi colônia de Portugal. Nesse sentido, ao se emancipar, passou por um processo penoso de ideais distintos, e os grupos que deveriam lutar pelo país,



travaram guerras na busca pelo direito de conquistar o poder e governar a sociedade angolana.

As lembranças do passado são representadas por meio deste narrador, que começa a deixar a infância para trás, mas longe da vida adulta, descreve suas angústias durante a releitura da morte do Cão Tinhoso.

[...] quando a Scubidú leu a segunda parte do texto, os que tinham começado a rir só para estigar os outros começaram a sentir o peso do texto. As palavras já não eram lidas com rapidez de dizer quem era o mais rápido da turma a despachar um parágrafo. Não. Uma pessoa afinal tinha medo do próximo parágrafo, escolhia bem a voz de falar a voz dos personagens [...] (ONDJAKI, 2015, p. 133).

Os sentimentos do personagem principal vão se intensificando no desfecho do conto, e ele compara a leitura como algo que pode disparar a qualquer momento, tal fato faz lembrar mais uma vez da guerra, dos tiros e principalmente da morte.

Ninguém na sala de aula lia aquele conto sem medo do final, mesmo que os colegas da oitava classe não admitissem este fato. Ao passo que Jacó, vai finalizando suas percepções daquela leitura, ele também vai deixando cada vez mais evidente, seus sentimentos e os daqueles que ali estavam, ou seja, colegas de classe e a professora de português:

Na terceira parte, até a camarada professora começou a engolir cuspe seco na garganta bonita que ela tinha, os rapazes mexeram os pés com nervoso miudinho, algumas meninas começaram a ficar com os olhos molhados. O Olavo avisou: “Quem chorar é maricas então!”, e os rapazes todos ficaram com essa responsabilidade de fazer cara como se nada daquilo estivesse a ser lido (ONDJAKI, 2015, p. 134).

Mesmo diante dos olhares da professora e dos colegas, Jacó finaliza a leitura com um certo receio, visto que ele sabe como tudo termina, e quem conhece a história de Angola também. A libertação chega, os angolanos se emancipam de Portugal, e durante esse processo, muitos sofreram e ou perderam suas vidas em batalhas. A guerra civil, que veio assolar a sociedade angolana nos anos de 1975 até 2002, trouxe memórias das quais não se esquece, para uns, são lembranças de frente de batalha, marcas nos corpos mutilados, para outros, lembranças de outras pessoas que vieram de lugares distantes para suprir as necessidades do país, tanto na medicina como na educação.

No final do conto, observa-se o quanto a narrativa de Luís Bernardo Honwana marcou a infância deste narrador, assim como os portugueses marcaram a vida dos angolanos. Ao encerrar a leitura do texto, Jacó, quer que aquele momento seja o mais breve possível, mas o sino não tocava, e a pedido da professora, teve que continuar a leitura.

A concentração daquele momento deixou Jacó imerso no texto, focado na ação dos personagens e nos olhos do Cão Tinhoso e, ao tocar o sino da escola, “Houve um silêncio como se estivessem disparando búé de tiros dentro da sala de aulas. Fechei o livro. Olhei as nuvens. Na oitava classe, era proibido chorar rente dos outros rapazes” (ONDJAKI, 2015, p. 136). Os disparos eram da narrativa lida em sala de aula, e causa no narrador mal-estar de quem sabe como é fazer parte de uma nação em guerra.

“Nós choramos pelo cão tinhoso”, representa a Angola jovem, liberta do colonizador representada pela figura do Cão Tinhoso, cheio de feridas, com aqueles olhos azuis que se arrastavam pelas ruas e causavam repulsa em uns e compaixão em outros. Ao ler as memórias de Jacó, nota-se quão doloroso foi o processo de libertação da Angola, não é um olhar saudoso, é apenas um sentimento ruim que deve ficar no passado e nunca esquecido.

## Referências

- AZEVEDO, F. *A formação e a conquista do público infantil* (A literatura infantil numa perspectiva sociológica). In: AZEVEDO, F. *A educação e seus problemas*. 3 ed., São Paulo: Edições Melhoramentos, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1953a. p. 205-220
- BRITO NETO, Manuel. *História e Educação em Angola: do colonialismo ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)*. 2005. 260 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252396>>. Acesso: 03 jan. 2021.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo, 2000.
- CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In: FESTER, A. C. Ribeiro (Org.). *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 107-126.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- NATIONAL GEOGRAPHIC. Guerra Civil de Angola: de 1975 aos dias de hoje. *National Geographic*, 2019. Disponível em:

<<https://www.natgeo.pt/historia/2019/08/guerra-civil-de-angola-de-1975-aos-dias-de-hoje>> Acesso: 15 dez. 2020.

LIMA, Renally Arruda Martins; NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva. Literatura, Memória e Identidade: Entrevista com Ondjaki. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, n. 3, p. Port. 293-302, ago. 2020. Disponível em:<<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1904>> Acesso: 12 jan. 2021.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão, et al. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.

Recebido em: 29/01/2024

Aceito em: 28/03/2024